

LUNARDELLI, José Augusto. *Cristão, Ação: uma proposta de reflexão para ação em um mundo cada vez menos cristão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2019. ISBN 978-85-92384-87-6.

André Gustavo Di Fiore

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Membro do Grupo de Pesquisa "Religião e Política no Brasil Contemporâneo" (CNPq)

E-mail: andre.contabilidade@terra.com.br

Nesta obra, José Augusto Lunardelli aborda a necessidade da ação dos cristãos num mundo contemporâneo marcado por mudanças e características que reclamam uma participação mais ativa dos leigos na condição de batizados e discípulos missionários. Gestor financeiro-administrativo, teólogo autodidata e pesquisador autônomo nas áreas de Teologia e Filosofia, Lunardelli provoca uma reflexão sobre a atuação dos leigos na Igreja e no mundo motivado pela necessária “reflexão ampla da ação do cristão, em coerência com a realidade em que ele está inserido e, atualmente, essa necessidade está se intensificando e ficando mais evidente, pois os cristãos estão se tornando cada vez mais cristãos por conveniência” (LUNARDELLI, 2019, p. 7).

Publicada no ano de 2019 pela editora Fonte Editorial, a obra está em consonância com o pensamento da Igreja Católica sobre os leigos e seu protagonismo na Igreja e na sociedade, tendo em vista – entre outros exemplos – o ano do laicato no Brasil, celebrado entre os dias 26 de novembro de 2017 e 25 de novembro de 2018, com o tema “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na Igreja em saída, a serviço do Reino” e o lema: “Sal da terra e luz do mundo” (Cf. Mt 5,13-14) e sua continuidade no ano de 2019 por meio da Campanha da Fraternidade que provoca uma participação política mais ativa dos cristãos a partir do tema “Fraternidade e Políticas Públicas” e do lema “Serás libertado pelo direito e pela justiça” (Is 1,27).

Dividido em 6 capítulos, o texto apresenta, num primeiro momento, uma reflexão sobre os cristãos no mundo e o faz traçando “um olhar estatístico sobre os cristãos” em que aponta a participação destes em relação às outras religiões e sua distribuição geográfica no globo terrestre. Além de dados estatísticos mais frios, o texto traz também reflexões sobre a necessidade da prática religiosa dos leigos em função da religiosidade presente em sua realidade antropológica e o faz, de forma crítica, comparando a “estatística com a realidade” numa análise que aponta para a necessidade de adesão, participação e religiosidade dos cristãos na vida da Igreja e conclui com alguns questionamentos sobre os leigos como relação de vida e fé e formação dos leigos frente às tendências niilistas da sociedade atual.

Num segundo momento, o capítulo 2 da obra aborda “o cristão como ser individual, coletivo e essência das instituições. Neste momento o texto, de forma mais filosófica, traz “o homem e a vida em sociedade”, “a dependência do homem de um poder terreno sobre si” e a participação dos cristãos na sociedade e nas organizações.

O terceiro capítulo da obra se debruça sobre o tema “família e educação”, fazendo algumas críticas como “a decadência da educação familiar” e temas mais específicos como “a complexidade da adolescência”, “a educação escolar dos filhos” e “a multiplicidade de inteligências”. Vale ressaltar aqui que, no quesito família o autor se utiliza de uma compreensão de estrutura familiar baseada na estrutura moral e doutrinal católica e tece críticas sobre o processo de educação dos filhos a partir de um olhar mais generalizado, sem

debater a respeito das realidades múltiplas da família hoje pois, como destaca Francisco (Amoris Laetitia, 57) hoje “não se chega a um estereótipo da família ideal, mas a um interpelante mosaico formado por muitas realidades diferentes, cheias de alegrias, dramas e sonhos”.

Em sua quarta parte, o texto estende as reflexões filosóficas para a “política, economia e capitalismo”. Neste momento, a obra discute “a política no entendimento popular”, apontando compreensão e distorções do termo política na sociedade e aprofunda o tema ao tratar sobre “a origem das direções políticas atuais”. Em seguida, trata das questões econômicas a partir da “propaganda e o fantasma da Guerra Fria”, o neoliberalismo e o problema da “corrupção e a burocracia”. Frente a este cenário, o capítulo é concluído com uma profunda reflexão sobre “o cristão dentro da atual realidade política”.

Dando continuidade à linha de pensamento, o quinto capítulo aborda “as religiões e seus conflitos”. Neste ponto são discutidos temas como: “os conflitos em nome da religião”, as divergências e convergências entre “o cristianismo, o judaísmo e o islamismo”, “os cristãos e o ecumenismo, seus conflitos e desafios” e “as religiões não Abraâmicas e o ateísmo”

Durante a leitura da obra, percebe-se que os cinco primeiros capítulos procuram construir toda uma realidade histórico-social, em que se inserem os cristãos hoje, principalmente os cristãos leigos, pois, como destaca Lunardelli (2019, p. 271) “a vida do cristão abrange inúmeras faces, realidades e situações, pois ser cristão não é assumir apenas um credo religioso qualquer, mas sim vivenciar uma postura no cotidiano que tenha coerência com os ensinamentos de Cristo”. Isso fica claro com o desfecho da obra, que em seu capítulo 6, traz a urgência da ação dos cristãos na pluralidade da atual realidade e história humanas.

Assim, o último capítulo da obra reflete sobre estas “várias faces da vida do cristão” a partir do exemplo de “Jesus: Deus e homem, redentor e transformador” e da necessidade do cristão como “instrumento de transformação das realidades” e parte do conceito de que não é possível “uma religião como a cristã desprendida ou separada de nossa realidade do dia a dia, pois ele possui não apenas uma conotação religiosa, mas também moral e social, isso por propor uma vida que demanda reflexão e a promoção do bem a todos a nossa volta, inclusive a nós mesmos” (LUNARDELLI, 2019, p. 271). Neste ponto, o autor faz algumas críticas aos pontos negativos gerados pelo antropocentrismo oriundo do Iluminismo que levam a uma visão de religiosidade pautada no individualismo e separada das realidades sociais.

Sem dúvida uma importante obra voltada à práxis pastoral dos leigos e profundamente alinhada às urgências da Igreja Católica nos últimos anos. Apenas uma pequena crítica pode ser aqui tecida: o fato de a obra carecer de um maior rigor metodológico científico, um pouco mais adequado à profundidade dos estudos. Como se trata de uma pesquisa autodidata e independente, como destaca o próprio autor na introdução do texto, a obra (em futuras edições) poderia ser revisada tanto no que tange ao rigor da metodologia científica como na profundidade da pesquisa e das referências apresentadas.

Vale destacar, porém, que esta pequena observação em nada desmerece a obra; pelo contrário, a independência das reflexões possuem uma profundidade e uma fluidez que vão muito além das normas acadêmicas e refletem uma visão de Igreja muito profunda partindo da vivência eclesial dos leigos.

Essa independência e autonomia é justamente o diferencial da obra. “Cristão, ação!” possui em suas linhas e entrelinhas uma eclesiologia muito próxima daquela proposta pelo Vaticano II, aquela de “Igreja povo de Deus”, em que os leigos e leigas, por seu batismo, são corresponsáveis na missão da Igreja em prol do bem comum (cf. *Lumen Gentium* 9ss), verdadeiros discípulos missionários e partícipes do estado permanente de missão da Igreja (cf.

Documento de Aparecida 1). Como destaca Fiore (2018, p. 59) “ser Igreja como propõe o conceito de Povo de Deus é estar em plena comunhão, em que cada batizado, a partir de sua condição, dons e carismas, atua na Igreja e na sociedade como verdadeiros discípulos missionários e continuadores da missão de Jesus Cristo” proposta também trazida por Lunardelli em sua obra “Cristãos, ação”. Sem dúvida, uma importante obra para a reflexão do papel dos leigos na Igreja Católica e que deixa algumas questões que podem ser refletidas em outras pesquisas: existe, de fato, a abertura necessária para a ação dos leigos como esta e outras obras assim propõem? E mais além: como trabalhar na prática a conscientização dos batizados para que estes não vivam uma religiosidade desprendida da realidade social?

Mesmo tendo o autor modestamente afirmado ter relutado “muito antes de escrever, pois considerava que não fosse a pessoa mais adequada para esse trabalho” (LUNARDELLI, 2019, p.7), a obra completa demonstra o contrário, pois as reflexões são de profunda relevância para a teologia e também para a práxis pastoral comunitária, colocando a obra em pé de igualdade com muitas outras nesta temática e sendo importante ponto de partida para desenvolvimento de uma práxis pastoral mais atuante e em saída como propõe a Igreja Católica hoje.